

# O MUSEU E O PÚBLICO.

Maria Célia T. Moura Santos

## RESUMO

Análise da situação atual dos museus e seu relacionamento com o público, destacando a necessidade de atualização, criação de técnicas e atividades adequadas para atender à comunidade.

Abordagem de alguns aspectos operacionais específicos, concernentes ao relacionamento entre o museu e o público, sugerindo técnicas para realização de atividades com diversas faixas de público.

O conceito de museu implica, conforme tem sido constantemente apontado, uma atuação dinâmica e persistente junto ao público. Os museus, hoje, não poderão mover-se no interior de uma estrutura rígida mas, pelo contrário, terão que contar com elementos dinâmicos e flexíveis, que lhes permitam adaptar-se às constantes mudanças, que devem ser vivenciadas por uma autêntica atitude crítica dos próprios responsáveis pela instituição. Atitude crítica que nos permite, através da observação da nossa realidade, e fundamentados em estudos recentes, enfatizar que, até o momento, a maioria dos nossos museus, vem atin

Universitas.Cultura. Salvador, (33): 85-94, jul./set. 1985

gindo seus objetivos, de uma maneira vaga, à medida dos seus desejos, tendo como pressuposto maior, a "conservação do patrimônio cultural do homem".

Eles estão ainda teoricamente ligados ao mundo europeu, a uma classe burguesa, a uma visão de cultura européia. Este mundo entretanto está desaparecendo, liquidado pelo rigor interno da revolução industrial e pelos golpes bruscos de uma História recente. Analisando este aspecto, ADOTEVI (1975), enfatiza que:

"Está claro que o Museu como local do discurso impostor da museologia européia, deve desaparecer, expulso da cena por uma ruptura que imponha uma prática museográfica nutrida da experiência desses milhares de homens que continuamos a ignorar e que, a cada dia, vantajosamente, sabem que têm a propor outros modelos que não esses legados pela Grécia clássica e pela Renascença. A consciência dessa realidade é explosiva e conduzirá, pela vontade, a museologia a se manifestar em sua função crítica da cultura, sua função verdadeira do saber, por uma adequação à realidade cotidiana, a adesão a uma história experimental".

Os museus pois, devem servir às sociedades, criando técnicas e atividades adequadas para atender às comunidades, às regiões, enfim à comunidade mundial. As diversidades sociais obrigam, assim, aos museus, encontrarem soluções adaptáveis a cada uma.

Dentro desta realidade, os museus devem estar atentos para se atualizarem, e, se possível, se anteciparem, fornecendo uma orientação social e cultural, expressando através de suas exposições e demais atividades e, por um espetáculo permanente, graças à convergência dos meios audiovisuais e das técnicas atuais, criar uma estrutura emocional, permitindo a qualquer pessoa, seja qual for o nível cultural, não somente ser capaz de decifrar a mensa-

gem, mas vivê-la efetivamente. Se assim o fizerem, se tornarão um meio de comunicação de massa, atraído do grande número de visitantes, ansiosos por informação e orientação, sobretudo no que diz respeito aos problemas mais importantes da comunidade.

Entretanto, concebemos que para atingir tais objetivos, certos aspectos devem ser observados:

1 - Em primeiro lugar os museus necessitam de definir sua filosofia de trabalho, seus objetivos, para que fique claro, não só para o seu quadro de pessoal mas, também, para aqueles que o procuram, o porquê da existência dessa instituição e as metas traçadas para alcançar tais objetivos;

2 - Acreditamos que um dos pontos fundamentais de comunicação entre o museu e o público, seja a identificação entre este último e o acervo exposto. A apresentação de peças que são testemunhos da cultura produzida pela própria comunidade, em seus diversos estágios, permite uma integração muito grande, principalmente se esta apresentação proporciona a oportunidade de se estabelecer paralelos entre passado e presente, estimulando uma criação do futuro. Objeto e público acabam, assim, em certa medida, por se confundir;

3 - De fundamental importância para que o museu consiga ampliar o seu campo de ação é a sua estrutura interna, administrativa. Consideramos que somente um museu organizado interiormente, em setores bem definidos, tais como: documentação, administração, exposição, conservação, segurança, educação, extensão cultural e divulgação, sob a responsabilidade de técnicos com a formação profissional específica para tal fim, poderá realizar efetivamente um trabalho com as características necessárias para um bom atendimento ao público.

O relacionamento entre todos os setores permitirá o funcionamento da instituição como "um todo", proporcionando cada um, as informações necessárias para elaboração dos programas a que o museu se propõe.

Necessário se torna pois, que antes de realizarmos atividades "extra muros", resolvamos nossos problemas internos.

Não podemos continuar com elaboração de programações do tipo "amadorístico", somente para dizer que estamos dinamizando nossos museus, correndo o risco de a qualquer momento desmoronarmos, por falta de apoio, de estrutura, para atingirmos os objetivos visados.

Se não temos as condições ideais para nos organizar, com todos os setores necessários, que agrupemos setores afins, importante é que as funções sejam definidas e, que fique claro para as pessoas o que lhes compete realizar, que objetivos necessitam ser alcançados;

4 - Um outro aspecto que chamamos a atenção, pois vem nos preocupando demasiadamente, é o tipo de informação, a mensagem que transmitimos ao visitante. Como enfatizamos anteriormente, devemos utilizar todos os meios possíveis para que qualquer pessoa de qualquer nível cultural, seja capaz de realizar uma síntese do que foi visto em uma exposição. Os museus são instituições públicas e, portanto, devem se preocupar com todas as faixas da população.

Não podemos continuar utilizando somente etiquetas, com vocabulário técnico especializado, acessível a uma minoria da população. Até que ponto a comunicação entre acervo e visitantes está sendo efetivada? Será que todas as pessoas que visitam museus são capazes de entender o que é uma custódia de prata repuxada e cinzelada? Ou um móvel estilo D. Maria I? Uma imagem estilo barroco? Acreditamos que estas questões são sérias e necessitam ser discutidas cuidadosamente. Vale a pena salientar o exemplo do Museu Antropológico do México, construído e projetado para o público, em sua maioria analfabeto, baseando toda a sua atividade didática em imagens e elementos plásticos.

Após estas considerações, passaremos a abordar aspectos específicos, operacionais, concernentes ao relacionamento entre o museu e o público.

A atuação do museu junto ao visitante, nunca poderá obedecer a moldes pré-estabelecidos ou de rotina. Deverá surgir, logicamente, das condições locais, como sejam: características da população, tipo de museu, aspirações, disponibilidades, etc. CRES PAN

(1973), comentando sobre o papel social dos museus e tipos de programações a serem efetuados, enfatiza:

"O que tem sido feito para conseguir que os museus cumpram plenamente sua função social específica na cidade em que se encontra? O problema merece um tratamento mais lato mas, dificilmente, poder-se-á abordá-lo se antes não se tiver estudado minuciosamente as necessidades culturais de cada comunidade e não se tiver elaborado um completo plano de culturalização na qual a instituição desempenhará um papel importante. Só assim o museu, inserido num amplo programa cultural, poderá começar a desempenhar a função social a que lhe compete."

Necessário pois se torna que a caracterização da comunidade onde o museu está localizado seja realizada, antes da elaboração de qualquer programação para o público.

Este deveria ser, como enfatizamos anteriormente, o primeiro passo a ser dado, por qualquer museu que deseje, conjuntamente com a população, elaborar planos de trabalhos. Esclarecemos o uso de dois termos:

1º CONJUNTAMENTE - acreditamos que, para a elaboração de qualquer atividade, o museu necessita, ouvir a clientela, antes de elaborar definitivamente o programa de trabalho. Caracterizar simplesmente a população não é o suficiente. Após esta etapa, torna-se essencial ouvir as pessoas, seus interesses, listar as sugestões por elas transmitidas e, juntos, buscar os objetivos a serem alcançados. Assim, o envolvimento do grupo será bem maior, porque ele teve participação ativa na elaboração do programa, demonstrando seus interesses e não estaremos correndo o risco de apresentar planos elaborados em nossos gabinetes, para serem impostos, como se fôssemos "os donos da cultura, da verdade". Podemos, no decorrer do processo, orientar e dar sugestões, para que sejam discutidas em grupo.

2º PLANOS DE TRABALHO - utilizamos este termo por considerar que o trabalho entre o museu e o público deve ser duradouro. Não uma simples progração passageira. Para isso será necessário a elaboração de um planejamento mais amplo, que tenha continuidade, de acordo com as necessidades da faixa da população a ser atingida.

Para tornar viável a realização do trabalho com a comunidade, sugerimos que sejam selecionados determinados grupos para serem trabalhados, pois se ria impossível atingir a toda comunidade a um só tempo. Necessário se torna esclarecer que, esta escolha não deve ficar ao belprazer dos administradores e técnicos de museus, pois a responsabilidade desta instituição é atingir a população como um todo, embora gradualmente. Como profissionais não podemos, em uma instituição pública, selecionar faixas da população através de nosso critério particular. Para facilitar este trabalho de seleção, os museus poderiam realizar um intercâmbio com associações de classes, de bairros, demais instituições de moradores, associações de pais e mestres, etc. Assim contactaria grupos já formados e juntos poderiam elaborar trabalhos bastante produtivos.

Lembramos que, no caso de Salvador, tais grupos possuem características específicas. Os museus não podem ficar alheios aos problemas sérios que vem enfrentando a população. Numa cidade onde 31% da população se locomove a pé, não podemos esperar que estes visitantes se dirijam até o museu, mesmo por que a maioria não vem oferecendo a motivação necessária para que tal obstáculo seja vencido. Podemos atingir esta faixa da população, através da realização de exposições circulantes, utilização de recursos audiovisuais, etc. Não podemos sugerir aqui os temas a serem trabalhados pois, como justificamos anteriormente, cabe a cada museu, de acordo com suas características, juntamente com a clientela, realizar esta escolha.

Quanto ao problema sério da urbanização e habitação, os museus poderiam realizar juntamente com o IAB, Faculdade de Arquitetura, Clube de Engenharia, etc. tra-balhos onde fossem abordados temas referentes ao as Universitas.Cultura. Salvador, (33): 85-94, jul./set. 1985

sunto, sugeridos pela comunidade, oferecendo os mu seus, assessoria para montagem, execução e acompanha mento de exposição circulante sobre o tema abordado. Citamos como exemplo a realização de uma exposição circulante sobre a derrubada da Antiga Sé da Bahia, com a Participação do Curso de Museologia, Extensão da UFBA, IPAC e Museu de Arte Sacra da UFBA.

De grande importância se torna a atuação dos Museus de Ciência e Tecnologia, quanto ao aspecto saú de, não excluindo, naturalmente, a responsabilidade dos demais museus. Os Museus de Ciência e Tecnologia, possuem um acervo específico, facilitando assim a elaboração de programas relacionados com a problemá tica da higiene, alimentação, tipos de doenças, co mo combatê-las, etc. O problema educacional deve me recer especial atenção por parte de qualquer museu, hoje. Ele não é destituído de ensinamento, como mui tas vezes se pretende. Ele é muito corretamente a materialização de uma certa visão do homem através dos diferentes sistemas educativos e culturais exis tentes. Dentro de sua estrutura latente o museu es tá numa relação de complementariedade e de cum plicidade com a educação. Entretanto, esta cumplici dade não deve ser entendida como a reprodução de sis temas educacionais que não atendam as necessidades básicas do educando. Cabe aos museus a responsabi lidade de trabalhar para uma mudança, não para uma confirmação.

A Secretaria de Educação deveria informar através de cursos para professores e estudantes de Cursos Pedagógicos as diferentes opções para traba lhar com estudantes nos museus, não só da capital, como do interior, oficializando em seguida a reali zação dessas atividades entre museu e escola.

Como podem os museus, guardando em seu inte rior objetos em três dimensões, capazes de ilustrar os programas a serem desenvolvidos pelos alunos e professores, se omitirem diante das paupérrimas con dições da maioria das nossas escolas? Necessário se torna que avaliemos os programas que estamos desenvol vendo, e que, infelizmente, ainda são bem escassos, para que possamos levantar as possibilidades de realização de um trabalho sério, através da for

mação de uma equipe interdisciplinar, com museólogos, pedagogos e outros profissionais que os tipos de programações venham requerer para execução dos trabalhos educativos a que se propõem, com o treinamento necessário ao desempenho das atividades pedagógicas nos museus.

Preocupa-nos muito a não participação do jovem na elaboração dos programas. Enfatizamos a necessidade desta participação. CARVALHO (1964), salientou que, "os jovens necessitam participar não só nos debates, mas na própria elaboração dos promas. Os programas raramente têm a adesão dos jovens: e, por isso, eles não se sentem responsáveis por eles. É preciso responder às solicitações profundas e não lançar um produto anunciado, amavelmente consumido". O contato prévio com a sala de aula, para observação do ambiente, e do trabalho que está sendo desenvolvido e familiarização com a clientela, para em seguida discutir as possíveis formas de trabalho é pois fundamental. Diante da carência de meios de transporte, e da existência desses meios em nossas escolas, consideramos de grande necessidade a realização de programas na própria escola como, por exemplo exposições circulantes, adequadas à comunidade escolar que se pretende atingir, durante a qual seriam desenvolvidas atividades paralelas.

Ressaltamos, entretanto, que em qualquer programa a ser desenvolvido entre museu e escola, o contato com o objeto é necessário, não sendo porém condição suficiente para a percepção. O aluno deve saber, com ajuda, que atividades ele conseguirá realizar sua observação. É sumamente importante que museólogos e professores não se entreguem à ilusão sensorial-empírica, considerando suficiente a presença concreta do objeto.

Acreditamos assim, que o museu pode ser extremamente útil em zonas periféricas ou bairros suburbanos habitados por uma população mais ou menos marginalizada. Para Rojas (1979), "Sua função social específica será neste caso oferecer os elementos de que dispõe para promoção e integração dos habitantes do subúrbio na comunidade da grande cidade".

Através desta rápida análise, concluímos que,



somente se estruturando inteiramente e considerando a responsabilidade da sua atenção na sociedade, como um todo, sem extremismos, viabilizando a realização de programas para todas as faixas da população, através de um intercâmbio permanente com as demais equipes de profissionais, os museus poderão atingir os objetivos a que se propõem no momento presente.

Talvez, assim, estejamos resolvendo os sérios problemas de baixa frequência de que tanto se queixam seus diretores, que pode ser não um indicador do desinteresse e despreparo da população, mas da inexistência de vida comunicada dos nossos museus e da falta de necessidade de tornar-se útil, através de uma prática cotidiana.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ADOTEVI, Stanislas S. Le Musée dans les systemes educatifs et cultureles contemporains In: INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. The museum in the service of man: today and tomorrow, Oxford, 1972. p.75 - 89.
- 2 BRANDÃO, Maria. Apud. TRAMM, Elda Vieira. Caracterização da região metropolitana de Salvador. In Uma experiência de aplicação de um Curso de Avaliação para Prof. do 1º grau. Salvador, 1980.2v (Dissertação de Mestrado de Educação UFBA). p.137.
- 3 CRESPIAN, José Luis. TRALLERO, Manuel. Passado e presente dos museus, In: Os museus no mundo. Rio de Janeiro, 1979, Salvat. p.7 - 59.
- 4 CARVALHO, Manuel Rio. Problemas das visitas de ensino aos museus, Lisboa, 6.p.mimeografado.
- 5 INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. The museum in the service of man: today and tomorrow, Oxford, 1972. 195p.
- 6 MORAIS, Gizelda. Apud. TRAMM, Elda Vieira. Caracterização da região metropolitana de Salvador. In: Uma experiência de aplicação de um Curso de Avaliação para Prof. do 1º grau. Salvador, 1980, 2v.(Dissertação de Mestrado de Educação.UFBA). p.140-147.
- 7 ROJAS, Roberto e TRALLERO, Manuel. O futuro dos Museus. In: Os museus no mundo. Rio de Janeiro, 1979, Salvat, p.70-143.
- 8 SECRETARIA da Educação e Cultura - Departamento de Ensino do 1º Grau. Projeto Redimensionamento das Áreas Educacionais no Espaço Urbano: estudo preliminar: redimensionamento da rede estadual de 1º e 2º graus no "Polo São Castano". 1980. Universitas.Cultura. Salvador, (33): 85-94, jul./set. 1985

9 SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu escola: uma experiência de integração.  
Dissertação apresentada ao Mestrado de Educação. Salvador, 1981.

#### SUMMARY

Analysis of the present situation of museums and its relationship with the public, showing the necessity of actualization, creation of technics and activities in order to achieve the community.

Consideration of some specific operational aspects concerning the relationship between museum and the public, suggesting technics to realize activities with several people of different strata.